

## EDITORIAL

*na contramão, no meio da rua*

Apesar de já ter arriscado uma ou outra disciplina sobre a sua obra, de ter orientado (e orientar) textos de pesquisadoras e pesquisadores em torno de suas questões – pesquisadoras que hoje caminham por suas pernas em outras universidades – de tê-lo lido com afinco, em traduções, ou no francês ruim que me era possível na graduação, nunca me arrisquei a escrever sobre Walter Benjamin.

Seus textos, nos anos 1990, me pareciam distantes de uma leitura estrutural ou historicista, aquela que aprendíamos na carpintaria básica da filosofia, ao mesmo tempo e talvez por esse motivo, seus escritos nos eram algo próximos, discutindo temas avessos ao universo acadêmico como o cinema comercial, Mickey, Chaplin, o surrealismo. Creio que o líamos de algum modo calçando luvas, pelas dificuldades e sutilezas evidentes de sua escrita, cujas premissas envolviam, em cada frase, dobras conceituais da tradição filosófica; mas também o olhávamos com alguma irreverência, como lemos a um amigo genial cuja carreira e as frustrações acompanhamos e com o qual ousamos concordar, discordar, debater. O seu método sem método, ensaio que se tece em torno dos objetos de análise, achávamos que poderia ser também um pouco o *nosso* modo de acesso à cultura com a qual tínhamos de fazer as contas – a nossa, brasileira.

O acesso aos textos não era restrito, obviamente. Somos, minha geração, devedores das traduções ainda hoje atuais que estudiosos como Sergio Paulo Roaunet, Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa nos legaram pelas edições da Brasiliense. Ou mesmo das traduções inaugurais de Flávio Kothe. Fomos leitores de Jeanne Marie Gagnebin e Olgária Matos, de quem cheguei a ser uma aluna discreta no fundo da sala. Não tínhamos acesso a muitos dos textos de sua juventude, mas a coletânea organizada por Willi Bolle, *Documentos de cultura- documentos de barbárie (escritos escolhidos)* nos franqueava a discussão. Mesmo assim, *Destino e caráter*, texto que sempre me seguiu durante minhas pesquisas, li pela primeira vez em francês. Hoje, estudiosos do pensador, estudiosos formados na fina disciplina da análise, veem produzindo novas traduções, coletâneas de textos de juventude, versões comentadas e comparadas, o aparato técnico se amplia e amplia também a sombra que esses escritos estendem sobre a luz estridente das facilidades analíticas. Deixa-se para trás, talvez, a singela proximidade metodológica que achávamos que podíamos alcançar, muito embora essa amizade tenha produzido tão finas análises da cultura brasileira...



Muito me admira ver nesse dossiê que Walter Benjamin, agora mais acessível e mais, por assim dizer, canônico, pode ser lido de vários modos, que a potencialidade de sua escrita não só se volte aos temas da literatura, do cinema e, em menor medida, das artes visuais, mas também ocupe um lugar privilegiado no novo debate epistemológico do século XXI, cujas premissas não são mais aquelas legadas pela metodologia positivista. Que esse autor possa dialogar com a carpintaria histórica da filosofia, que possa, enfim, ganhar espaço maior nas graduações de filosofia. Espero, entretanto, que não se perca aquele estranho encanto juvenil das primeiras leituras, quando, desconfiados, e mesmo a contrapelo, líamos seus textos como se pudéssemos com eles – e por eles – debater o mundo ao nosso redor.

A capa é uma xilogravura que representa Ícaro, homem-anjo que se aproximou do sol.

*Priscila Rossinetti Ruffinoni*

*Editora-chefe responsável*

